



TOLERÂNCIA E INCLUSÃO: DISCURSO X PRÁTICA

Janete de Aguirre BERVIQUE
Doutora em Educação - USC



“Incluir para mudar”: eis um slogan que, hoje, roda pelos quatro cantos, em jornais, TV, rádio, folders, outdoors, na boca dos políticos e de dirigentes institucionais. Expressões como “Pedagogia da inclusão”, “Medicina inclusiva”, “participação das comunidades”, “consulta à população” e um sem número de outras tornaram-se lugar comum, como ornatos de polêmica e bandeira de discussão... Só que “na prática, a teoria é outra”...

Como incluir se a intolerância corre solta e grassa em todas as esferas da atividade humana, negando aos cidadãos o direito à diferença, em qualquer nível? Parece que todos queremos que o outro, o mundo, as coisas e, até, Deus sejam como nós os idealizamos, e que correspondam às nossas expectativas e aos nossos anseios mais íntimos.

Somos intolerantes, não só, com aqueles que têm ou dão menos do que desejamos que eles tenham ou dêem: os menos inteligentes, os menos belos, os menos assertivos, os menos populares, os menos isto, os menos aquilo. Somos intolerantes, também, com aqueles que, sob algum ponto de vista, são melhores que nós; até com os nossos pais, irmãos, filhos, cônjuges, não escapando dessa teia nem o nosso melhor amigo, nem o nosso Criador, de quem vivemos cobrando “posições” mais justas e coerentes.

Será inveja, esse sentimento que me corrói, quando me deparo com alguém melhor do que eu? Se não for, o que acontece comigo se o sucesso, a beleza, a inteligência, a popularidade, a bondade, ou qualquer outro atributo positivo do outro me incomoda tanto? O que acontece comigo, com você, com a Maria, o João e o dono do bazar, quando excluímos o outro, quando o alienamos, colocando-o fora da nossa fronteira de contato?

Não existe inclusão sem tolerância. E tolerância não quer dizer ser “bonzinho”, satisfazer à expectativa de todos, fechar os olhos para aquilo que não aprovamos, dizer que “todos são iguais perante a lei” ou que “todos têm direito a ...” A tolerância, nesse sentido, é iatrogênica; antes destrói do que salva. E a intolerância pode, algumas vezes, ser saudável, acredita? É só conferir no Novo Testamento: aquele dia, por exemplo, em que Ele “subiu nos tamancos”, “rodou a baiana” e de chicote na mão expulsou os vendilhões do Templo. Em outra ocasião, “perdeu as estribeiras”, condenando aos berros os fariseus: “Ai, de vós, sepulcros caiados...”

Há limite para a tolerância e, quando este é ultrapassado, não podemos fazer como o avestruz que enfia a cabeça na terra, quando se percebe ameaçado. Há limite para a tolerância da mulher, do negro, do homossexual, dos excluídos... Há coisas que o negro, por exemplo, não tem que tolerar, em nome de não sei o quê; como aquela história de abrir cursinhos especiais para estudantes negros e reservar *n* por cento de vagas para eles nas universidades, em nome da igualdade e da inclusão. Entretanto, não passa de mais uma atitude discriminatória, como se eles precisassem de favores, para mostrar que são tão inteligentes quanto nós, os brancos. Basta passar os olhos pela História do Brasil e Universal, e para os arquivos da cultura brasileira e internacional para constatar o brilhantismo de muitos negros no campo da política, das artes em geral, dos esportes, entre outros. E, hoje, continuam conquistando novos espaços, por esforço e mérito, até no mundo da moda, com belíssimos negros e negras brilhando nas passarelas.

Agora, a mulher... Dizem que ela tem acesso a tudo o que antes era privilégio e monopólio do homem. Tem porque foi à luta, conquistou, mostrou que pode e que tem raça; fez valer a sua inteligência, intuição e criatividade, e mostrou o seu valor como força de trabalho. Entretanto, ainda é vista como objeto de cama e mesa; hoje, mais de mesa que de cama, pois o erotismo sexual virtual tem posto a

mulher-fantasia no lugar da mulhe-realidade _ esposa, mãe, amiga, companheira, namorada, noiva... E para alguns postos no mercado de trabalho, ainda, é tratada como uma sub-raça, como cidadã de segunda categoria, menos isto ou menos aquilo, em relação ao homem.

A dignidade humana não é uma questão de Geografia, nem de gênero, nem de cor de pele, nem de religião; muito menos de filiação político-partidária, de status social ou de poder aquisitivo. É o meu e o seu direito inalienável de ser como somos, enquanto assim somos; direito esse que deveria ser garantia de acesso a todos os bens, a todos os lugares, a uma convivência solidária e pacífica com todas as pessoas, a despeito de quaisquer diferenças. Entretanto, um sem número de critérios excludentes nos roubam esse direito, dando origem a um grande contingente de marginalizados sociais, que inclui: o pobre, o rurícola, o negro, o sem-terra, o sem-teto, o descamisado, a prostituta, a mãe-solteira, o homossexual, o analfabeto, o andarilho, o aidético, só para lembrar alguns, entre tantos outros, sobre os quais recaem nossos olhares desconfiados e nossas críticas preconceituosas, como se fossem, também, uma sub-raça, cidadãos de segunda categoria, vítimas da nossa intolerância à diferença.

É desnecessário dizer, penso eu, que muitos de nós acreditam que é essa a ordem natural das coisas; muitos de nós alegam que não são responsáveis por esse estado de coisas; e muitos, ainda, afirmam: “eu fico quieto no meu canto e não faço mal a ninguém”. E assim se omitem de fazer o bem que poderiam fazer, perpetuando a situação de Cristo sendo condenado à cruz e de Pilatos lavando as mãos.

Hoje, no Brasil, se fala em esperança... Essa é a palavra de ordem do governo Lula. Esperança, entretanto, está longe de ser uma espera passiva que as coisas caiam do céu, como mágica; não é manifestar, publicamente, atitudes messiânicas, demiúrgicas ou salvacionistas, através de discursos bem elaborados. Esperança é trabalho; é trabalho de parteira, de arregaçar as mangas e fazer vir à luz aquilo que está pronto para nascer.

Mudar é preciso. O “status quo” é água estagnada; é água estagnada que apodrece e a tudo o que entra em contato com ela. Entretanto, lembrando um ensinamento zen-budista: “Perseguir a mudança não garante que ela aconteça, mas se você não a perseguir ela não acontecerá nunca”.

Há de chegar o tempo em que os socialmente excluídos não mais o serão e uma nova ordem reinará entre nós. É isso a que “aspiro, mais que espero”, plagiando o filósofo renascentista Thomas More, ao final da sua Utopia.